

**Memórias da escola no quilombo Negros do Riacho, localizada em Currais Novos, Rio Grande do Norte, Brasil**

**Memories of the school in the Quilombo Negros do Riacho, located in Currais Novos, Rio Grande do Norte, Brazil**

**Memorias de la escuela en el Quilombo Negros del Riacho, localización en Currais Novos, Rio Grande del Norte, Brasil**

Recebido: 13/05/2019 | Revisado: 16/05/2019 | Aceito: 23/05/2019 | Publicado: 30/05/2019

**Adaildo Benedito dos Santos**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5976-269X>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

E-mail: [adaildocn@hotmail.com](mailto:adaildocn@hotmail.com)

**Resumo**

O presente artigo atende à proposta de trabalho de pesquisa das memórias da escola no Quilombo Negros do Riacho-RN. O trabalho apresenta em sua primeira parte uma motivação para discorrer acerca da memória da escola do Quilombo Negros do Riacho, a partir de pensadores como Assunção (2009), Le Goff (1992), Halbwachs (1990) e Pierre Nora (1984). Como resultados apresenta-se um breve relato sobre a formação do Quilombo Negros do Riacho, à Memória e História do processo de Escola na Comunidade Negros do Riacho onde são apresentados os locais de funcionamento da escola e sua evolução. Propõe-se apresentar algumas transformações que aconteceram na escola ao longo do tempo e que no presente colaboram para a compreensão da Memória e História da Escola na comunidade. Nas considerações buscam-se traçar caminhos para o desenvolvimento e melhoria da comunidade e a preservação da memória. A metodologia foi realizada através de pesquisa qualitativa utilizando-se de relatos de professores, ex-alunos da escola pertencentes a comunidade quilombola em entrevistas abertas e referencial teórico que justifique a construção de uma memória e história.

**Palavras chave:** história, escolarização, processo e transformação.

**Abstract**

The present article responds to the proposal of work of research of the memories of the school in Quilombo Negros do Riacho-RN. The essay presents in its first part a motivation to talk

about the memory of the Quilombo Negros do Riacho school, from thinkers such as Asunción (2009), Le Goff (1992), Halbwachs (1990) and Pierre Nora (1984). As results, a brief report is presented on the formation of the Quilombo Negros do Riacho, the Memory and History of the Negros do Riacho Community School process, where the school's operating locations and its evolution are presented. It is proposed to present some transformations that happened in the school over time and that in the present collaborate to the understanding of the Memory and History of the School in the community. In the considerations are looked for to trace ways for the development and improvement of the community and the preservation of the memory. The methodology was made through qualitative research using reports from teachers, former school students belonging to the quilombola community in open interviews and theoretical reference that justifies the construction of a memory and history.

**Key words:** history, schooling, process and transformation.

### **Resumen**

El presente artículo tiene como propuesta de trabajo la investigación de las memorias de la escuela en el Quilombo Negros do Riacho-RN. El trabajo presenta en su primera parte una motivación para discurrir acerca de la memoria de la escuela del Quilombo Negros del Riacho, a partir de pensadores como Asunción (2009), Le Goff (1992), Halbwachs (1990) y Pierre Nora (1984). Como resultados se presenta un breve relato sobre la formación del Quilombo Negros do Riacho, a la Memoria e Historia del proceso de Escuela en la Comunidad Negros do Riacho donde se presentan los lugares de funcionamiento de la escuela y su evolución. Se propone presentar algunas transformaciones que ocurrieron en la escuela a lo largo del tiempo y que en el presente colaboran para la comprensión de la Memoria e Historia de la Escuela en la comunidad. En las consideraciones se buscan trazar caminos para el desarrollo y mejora de la comunidad y la preservación de la memoria. La metodología fue realizada a través de investigación cualitativa utilizando relatos de profesores, ex alumnos de la escuela pertenecientes a la comunidad quilombola en entrevistas abiertas y referencial teórico que justifique la construcción de una memoria e historia.

**Palabras clave:** historia, escolarización, proceso y transformación.

### **1. Introdução**

O presente artigo surge a partir das observações do autor quando utilizou como campo de estágio na educação infantil a escola da Comunidade Quilombola Negros do Riacho

localizada na cidade de Currais Novos/RN, Brasil. Ao deparar-se com a primeira professora da comunidade e com diversos alunos que ao longo de 40 anos haviam passado pelos bancos escolares da escola e que não haviam dados que contassem a sua memória e história, percebeu-se a necessidade de construção desta memória. A escola encontra-se em um contexto de pobreza e extrema pobreza e a sua localização esta a 03 quilômetros da comunidade tornando o seu acesso difícil aos estudante quilombolas. Outro objetivo foi o de qualificar a influenciada da escola formal no desenvolvimento social das pessoas.

## **2. Metodologia**

Diversos procedimentos metodológicos foram utilizados para a construção deste trabalho. No primeiro momento aconteceu a observação participante na escola e na comunidade quando no estágio da disciplina Educação Infantil, após as observações e construção de relatório passou-se a frequentar semanalmente a escola e a comunidade. Foi realizada entrevista filmada com a professora Tetê e com a professora Lúcia e momentos de conversar com ex-alunos da escola pertencentes a comunidade quilombola.

Nos processos metodológicos da construção deste artigo busca-se conforme Pereira (2018), pesquisar e confirmar conhecimentos diversos a fim de que eles se tornem conhecimento científico e validar este conhecimento transformando o em história da comunidade.

Neste sentido para referenciar este trabalho de pesquisa de memória e história a pesquisa buscou estabelecer dialogo como pensadores como Le Goof, Pierre Nora que em seus trabalhos procuram explicar o processo de construção da memória de um povo e de Assunção por ser este ultimo o primeiro pesquisador a de forma participante discorrer acerca da historia daqueles remanescentes de quilombo.

## **3. Porque construir a memória da escola na comunidade Negros do Riacho**

A partir dos estudos de diversos trabalhos acadêmicos e de historiadores como Joabel Rodrigues (2008), Luiz Assunção (2009), Joelma Tito da Silva(2009), Flávia Maria Silva Vieira (2015), Maria do Carmo Alves da Silva (2015), Adélia Maria Barbosa de Souza (2015), observa-se que esses autores pesquisaram a história cultural, social, econômica e as vivências da comunidade quilombola Negros do Riacho, localizada a 15 quilômetros da sede

do município de Currais Novos/RN. No entanto, pouco falam sobre a escolarização da comunidade. Essa questão pode estar associada ao fato de a escola não estar implantada no seio da comunidade, mas a uma distância de quase três quilômetros.

São exatos 40 anos de atuação da escola que envolve a comunidade Negros do Riacho de Currais Novos-RN e este trabalho objetiva dar visibilidade à história e memória da escola, buscando contar esta história valorizando a memória daqueles que construíram ou contribuíram para o processo de escolarização. De acordo com Le Goff (1992), os materiais de memória podem se apresentar sob duas formas principais: os *monumentos*, herança do passado e os *documentos*, escolha do historiador. A palavra latina *monumentum* remete para a raiz indo-européia *men*, que exprime uma das funções essenciais do espírito (*mens*), a memória (*memini*). O verbo *monere* significa 'fazer recordar', de onde 'avisar', 'iluminar', 'instruir'. O *monumentum* é um sinal do passado Le Goff (1992, p. 535).

Assim para resgatar as memórias da escola daquela comunidade, será necessário um retorno ao seu passado que será feito através da memória coletiva que, além de utilizar-se do passado recordado pela comunidade, também se utiliza de seus documentos para ser contada.

O termo latino *documentum*, derivado de *docere* 'ensinar', evoluiu para o significado de 'prova' e é amplamente usado no vocabulário legislativo. É no século XVII que se difunde, na linguagem jurídica francesa, a expressão *titres et documents* e o sentido moderno de testemunho histórico data apenas do início do século XIX. O significado de "papéis justificativos", especialmente no domínio policial, na língua italiana, por exemplo, demonstra a origem e a evolução do termo. O documento que, para a escola histórica positivista do fim do século XIX e do início do século XX, será o fundamento do fato histórico, ainda que resulte da escolha, de uma decisão do historiador, parece apresentar-se por si mesmo como prova histórica. A sua objetividade parece opor-se à intencionalidade do monumento. Além do mais, afirma-se essencialmente como um testemunho escrito. Idid (1992).

O melhor historiador é aquele que se mantém o mais próximo possível dos textos. Então para construção desta memória, busca-se assim apropriar-se dos materiais de memória mencionados pelo autor. (Idid, p. 536).

Para o mesmo autor, ao longo do século XX com a escola positivista, houve um triunfo do documento sob o monumento, destacam-se várias obras de autores como Samaran em *L'histoire et ses méthodes* que menciona "não há história sem documentos"; Curso da Sorbonne, de 1945-46 na qual Lefebvre afirmava igualmente "Não há notícias históricas sem documentos"; observa-se que, ao longo do tempo, muito da história ficou apenas na oralidade e sobre isso Le Goff, em *Fustel de Coulanges* sentindo o limite dessa definição, numa lição

pronunciada em 1862 na Universidade de Estrasburgo, declara que onde faltam os monumentos escritos, deve a história demandar às línguas mortas os seus segredos... Deve escutar as fábulas, os mitos, os sonhos da imaginação... Onde o homem passou, onde deixou qualquer marca da sua vida e da sua inteligência, aí está a história [ed. 1901, p. 245]. *Ididem*.

Resgatar a memória da escola na comunidade se faz necessário devido às mudanças que ocorrem cada vez mais rápidas da sociedade, por isso é imprescindível registrar a história para essa que não se perca onde Nora (1984 como citado por Khoury, 1993, p. 7) destaca que a aceleração da história. Para além da metáfora, é preciso ter a noção do que a expressão significa: uma oscilação cada vez mais rápida de um passado definitivamente morto, a percepção global de qualquer coisa como desaparecida – uma ruptura do equilíbrio.

Para preservar esse importante retrato do passado na Comunidade Negros do Riacho está posto então a necessidade da documentação dessas memórias até mesmo como forma de preservação de memórias e costumes de sociedades que despertam do sono etnológico provocado conforme Nora (1984) pela violência colonial ou em um contexto mais atualizado, pela globalização que provoca o avanço da modernidade sobre as comunidades e suas culturas.

Pierre Nora (mencionado por Khoury, 1993, p. 9) afirma que a memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. (1984)

Dessa forma, nas palavras de Halbwachs (2015), busca-se recuperar parte da memória da Comunidade Negros do Riacho, quanto a sua vivência no ambiente escolar; no entanto, para que se conheça as escolas frequentadas por esta comunidade remanescente de Quilombo faz-se necessário que se faça um breve resumo de sua história.

#### **4. Conhecendo a Comunidade**

A comunidade Negros do Riacho tem sua localização a 12 km da sede do município de Currais Novos/RN e a entrada para a comunidade se dá a margem esquerda da BR 226, sentido Natal. Sua entrada se destaca por uma grande panela de barro, um dos símbolos de cultura e resistência da comunidade conhecida pela confecção das chamadas “loiças de barro”. Segundo ASSUNÇÃO (2009).

(...) vivem numa terra seca, de 3,6 hectares, coberta por tabuleiro, uma vegetação típica do sertão Nordestino e que é denominada Riacho dos Angicos, situada na localidade Bonsucesso. São descendentes de um

certo negro Trajano Passarinho, que liberto da escravidão fincou naquela terra a sua moradia e recebeu vários outros negros vindos ou fugidos de outras fazendas e regiões e que ali estabeleceram as suas moradias e constituíram família (p.14).

Constata-se, através das observações aqui apresentadas, e já mencionadas por Assunção, que a maior parte desta terra não é boa, e, por serem poucos hectares possibilitou-se a construção de pequenos “barreiros” para captação de águas da chuva, essas terras chamadas de tabuleiros, apresentam baixa fertilidade com exceção do Riacho que corta a comunidade que também possui solo pedregoso. Entre o final da década de 1970 e início da década de 1980, quando Assunção visitou e estudou a comunidade, as casas eram feitas de pau a pique ou taipa, algumas cobertas de palhas e outras de telhas velhas, eram na sua maioria dispersas e havia uma divisão por núcleos familiares, conforme destaca Assunção, (2009, p. 58). Essa mesma formação continuou quando no momento da construção das primeiras casas de alvenaria, feitas com a intervenção de uma equipe de franciscanos coordenadas por Padre Welson Rodrigues e patrocinadas pela “Adveniat”<sup>1</sup> da Alemanha que no Brasil é representada pelo Frei Fernando, fato esse ocorrido segundo relatos feitos por um morador no ano de 1993 (FLAVIA, 2015, p.47-48). Segundo Assunção (2009), no ano de 1990, a Kilombo – Organização negra do RN, estabeleceu contato com lideranças locais, iniciando um processo educativo, político, de questões específicas do cotidiano da comunidade (p.. 127).

Uma intervenção direta e significativa do Governo do estado acontece na comunidade a partir do ano de 2003, através da Secretaria Estadual de Assistência Social com o “Projeto Dignidade” que se depara com a realidade dos Negros e dessa forma acontecem várias intervenções que envolvem diversos órgãos do Estado e depois da Prefeitura Municipal. Essa ação contribui para a melhoria de renda, de moradia e de reconhecimento social e cultural da comunidade Negros do Riacho.

À época, além da precariedade de moradia, a comunidade Negros do Riacho também tinha pouco acesso a direitos sociais como alimentação, transporte e educação, pois no contexto de pobreza em que viviam, teriam que optar entre buscar sobreviver ou estudar, fato que não acontecia somente naquela comunidade mais em vários outros quilombos e comunidades pobres do Brasil.

---

<sup>1</sup> Associação Católica Alemã de Ajuda assistencial a projetos da igreja Católica no Brasil coordenada em nosso país por Frades Capuchinhos.

Na década de 1980 e início dos nos 1990, eram tidos ainda como cachaceiros, brigões, ladrões, arruaceiros, isso porque ninguém observava a riqueza cultural da comunidade e porque a comunidade trazia na sua tradição, o sufocamento de sua cultura de raiz africana, a evangelização católica cristã e o comportamento social ditado pelo homem branco.

Em Currais Novos/RN, contar a história dos Negros do Riacho, resumia-se a pessoas como os professores Joabel Rodrigues, Antônio Quintino e Dorinha Nascimento, esta última negra, católica que mais tarde aderiu ao candomblé. O Professor Ramos em sua monografia de graduação apresentada no ano de 1988 e ao Professor Luiz Assunção em seu Livro Os Negros do Riacho, dissertação de seu Mestrado, apresentada em 1988, que transformou a sua pesquisa em livro e que fez a sua revisão no ano de 2009. Hoje, existem os trabalhos acadêmicos que buscam estudar a vida da comunidade, trabalhos sempre com grandes destaques, porém quase sem nenhum retorno para os que ali residem e fazem história.

Ver os Negros do Riacho na cidade causava medo em alguns pela sua já mencionada má fama. Um negro da cidade já sofria suas discriminações, imagina aqueles da qual se chamavam de aculturados. Vejam por exemplo que existiam na cidade os negros do Rosário e uma missa que deu origem a missa do agricultor as segundas feiras, E segundo Dorinha Nascimento em suas conversas informais, a época em que ela era do grupo de Jovens do bairro Santa Maria Gorete (1980), o padre da época proibiu os Negros do Riacho de assistirem a missa dentro da Igreja pois vinham com o chamado “Bafo de Cachaça”.

Tais situações talvez sejam a causa de isolamento de muitos. Observa-se, por exemplo, diariamente na Escola professor Humberto Gama onde estudam a maioria dos jovens da comunidade esse isolamento. Em entrevista filmada com a professora Lúcia de Fátima Silva, realizada em 07/07/2017, da qual será citada em outros momentos desse artigo, ela afirmou que ao fundar o primeiro grupo de Jovens na capela do sítio Serrote do Melo, alguns jovens quilombolas foram chamados e se isolavam dos demais, o que foi sendo aos poucos quebrado por ela e seus amigos.

Nas observações diárias, mesmo diante dessa desconfiança, percebe-se um maior empoderamento social de seus direitos por parte da comunidade, onde eles se reconhecem aos poucos como negros de valor. O pesquisador Assunção (2009) nos chama a atenção para o fato de que a identidade étnica pode ser então compreendida como uma espécie de auto identificação por oposição ou em contraste com um grupo diferente (...). Assim, a identidade étnica se afirmar a partir da aceitação/negação da outra que a ela se apresenta e que por ela é vista etnocentricamente.

Em termos operativos pode-se afirmar que grupos étnicos são mantidos na medida em que os seus integrantes se valem da identidade étnica para estabelecer classificações a respeito de si próprio e de sujeitos de “outros grupos” Idid (p. 18). Dessa forma, na dinâmica da comunidade, além do modo diferente e ligeiro de falar, observa-se que os pares da comunidade se tratam mais pelo termo “a negra ou o nego” do que pelos seus nomes e isso para eles é uma forma de valorizar a sua identidade sociocultural e étnica.

Algo interessante também é o fato de alguns possuírem o título de propriedade da terra fornecido pelo Instituto Nacional de Reforma Agrária e Colonização - INCRA ao Sr. Damião, um dos negros descendentes de uma senhora chamada Joana Caboclo que casou com um dos filhos do José Trajano, originando assim uma miscigenação racial na comunidade. Mesmo assim entre “proprietários e posseiros”, Assunção (2009, p. 43), afirma que o senso de propriedade é algo muito vivo entre os habitantes do Riacho. Ultimamente os negros lutam desde 2006, pelo título definitivo da terra em nome de toda a comunidade, dado pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário.

A escolarização da comunidade se deu com a sua introdução na escola tradicional, a partir do fim da década de 1960, de forma tímida, porém importante. A primeira professora da comunidade nos fala do jeito de ser dos alunos da comunidade e do acolhimento aos primeiros negros na escola.

Nesse tempo, a escola não trabalhava a cultura ou matriz africana. Tudo se resumia apenas a datas comemorativas como o dia 13 de maio, dia em que a Princesa Isabel, no ano de 1888, assinou a Lei Áurea, que decretava o fim da escravatura de forma oficial no Brasil, mas que não celebrava a memória dos negros, e sim a memória da princesa pelo seu feito em razão das pressões dos abolicionistas da época.

### **5. Memória e História do processo de Escola na Comunidade Negros do Riacho**

A escolarização da comunidade se deu com a sua introdução na escola tradicional, a partir do início da década de 1960, de forma tímida, porém importante. A escola funcionou na casa principal da fazenda cuja foto segue abaixo.

Figura1 - Sede da



primeira escola.

Fonte: O autor (2017).

A Escola do Serrote do Melo, hoje Unidade Escola São Francisco de Assis do Serrote do Melo foi criada por decreto nº 254 de 30 de abril de 1960, na gestão do prefeito Neófito Pinheiro Galvão, denominada apenas como Escola Municipal do Serrote do Melo. Até o ano de 1967 a escola não havia entrado em funcionamento.

As primeiras práticas educacionais na região do Bom Sucesso que segundo Assunção (2009) compreende um conjunto de sítios e aí se incluem o Quilombo e o Serrote do Melo, conforme entrevista de sua primeira Professora Maria Gorete Bezerra de Medeiros Menezes realizada em 07/07/2017, conhecida por Tetê, começaram em 1967 quando mesmo ainda jovem e com o ensino fundamental I, a professora “Teté”, foi convidada a alfabetizar a família de um morador da Sede da Fazenda Bom Sucesso. Para funcionar, a professora foi contratada pelo município e recebeu carteiras e quadro negro. A professora morava a cerca de três Km da sede da fazenda no sítio Serrote do Melo local que, segundo o decreto de Criação dava nome a escola.

Ainda segundo a professora Tetê em sua entrevista:

No ano de 1969 como a dona da casa sentiu-se incomodada com o movimento, a escola foi transferida para o Sítio de Manoel Pires, hoje conhecido como sítio de Zé Baixinho e também funcionou na sala da casa. E, em 1974, a Escola veio funcionar na casa do pai da professora e com o casamento da mesma, na sala de sua casa que ficava a poucos metros da casa do seu genitor.

Em 1987, na gestão do prefeito José Dantas e secretário de educação Professor Humberto Gama, é construída então a primeira parte da atual sede da escola com 01 sala de aula, 01 banheiro e 01 cozinha-dispensa, sendo a sala de aula separada dos demais cômodos por um pequeno corredor. A escola herdou ainda as primeiras carteiras de 1967 em madeira que comportavam dois alunos.

Nas palavras da professora, quando iniciou a escola em 1967 sempre que convidava os Negros da Comunidade para frequentarem a escola: “eles não queriam ir, parece que não queriam se misturar com os brancos, tinham vergonha deles”. Foi somente com a transferência da escola para a casa do Senhor Manoel Pires (1969), bem mais perto da Vila Principal da comunidade que os negros começaram a frequentar a escola e a professora Tetê lembra de nomes como “Tereza Velha, Pretinha, Clovis. Pretinha aceitou falar sobre a escola e em sua entrevista realizada em 10/11/2017 afirmou que: Frequentou a escola até a quarta série,

porém conseguiu apenas aprender a assinar seu nome, o que já o faz hoje com dificuldades. Abaixo temos o registro fotográfico da antiga casa do Senhor Manoel Pires hoje no sítio do senhor "Zé Baixinho".

Figura2 – Segunda sede da escola



Fonte: O autor

(2017)

Quando a escola passa a funcionar na casa de Teté no Serrote do Melo

houve um aumento de frequência pelos negros. Ela conta que em 1983 durante uma grande seca foi então construída de forma provisória de “palha e taipa” uma Creche para receber os filhos dos Negros, enquanto estavam na frente de produção. Jovens como Amaury, Ninel<sup>2</sup> eram crianças frequentadoras da creche. Havia então duas professoras que foram contratadas para a Creche, pois os pais ficavam o dia inteiro no trabalho e o projeto durou apenas um ano. No ano seguinte de 1984 houve uma demanda maior de procura pela escola vinda dos pais da comunidade quilombola.

Na década de 80 a escola que funcionava na casa da professora recebe do pai da mesma um terreno para a construção de sua sede que no início seguiu um modelo padrão de cozinha, banheiro e sala de aula separados por um pequeno pátio. A professora não possuía em seu acervo fotos do prédio inicial mas somente uma foto de 1997 feita após uma reforma.

Figura3 - Sede da Unidade Escolar São Francisco de Assis

<sup>2</sup> José Amauri da Silva e Francisco das Chagas Lopes da Silva



Fonte: Professora Teté

(1997)

Teté

afirma que

os frutos do seu tempo à frente da escola 30 anos (1967-1997) de trabalho à frente da escola são: a conclusão dos estudos (ensino fundamental e médio) pelos alunos, porém muitos não continuaram pela dificuldade de frequentar a escola, dificuldade esta que ao final da entrevista a professora atribui a falta de transporte escola à época. Ela destaca os alunos Adriana e José Oliveira da Silva. Ela diz também que a escola é importante para a comunidade, porém eles têm que se interessar mais e que há um afastamento cultural dos estudos pela comunidade e que os alunos da comunidade “tem inteligência”. Até 1997 a professora Teté afirma que havia ainda uma grande miscigenação de brancos e negros na escola, porém os negros ficavam isolados e não gostavam de conversar com os de cor branca (...) a professora vê como necessidades da escola na atualidade uma quadra e que a escola poderia ser na comunidade. Que não consegue entender porque os jovens atualmente não estão frequentando o ensino médio. Mas atribui ao trabalho e ao casamento que acontece bem cedo.

Já a professora Lúcia de Fátima, residente no serrote do Melo teve um maior acesso à nova geração da comunidade Negros do Riacho a escola de forma continua, pois após o 5º ano do ensino fundamental, é oferecido transporte para que estudem em escolas da cidade.

O acesso ao ensino fundamental II começou a ser proporcionado em 1994, segundo o motorista Antenor de Medeiros Silva em entrevista em 16/11/2017: O transporte começou a ser feito para a cidade em 1994 pelo meu pai Antônio Sabino da Silva, primeiro ele andava em uma C-10 e depois em uma F-4000. O ônibus começou a ser usado em 1997 por exigência do governo e foi quando passei a ser o motorista.

Atualmente, o prédio onde funciona a Escola/Creche possui três salas de aula, sendo uma destinada ao Programa Mais Educação; 02 (dois) banheiros, 01 (uma) cozinha, 01 (uma) dispensa e em cada sala de aula existem os cantinhos de leitura. A escola não possui pátio e nem parque, mas apenas um corredor coberto. Durante o recreio os alunos têm a liberdade de

brincar no “terreiro” em frente à escola que também abriga um projeto ambiental com plantação de bambu, mas que sofre pela seca prolongada que atinge a região.

A Unidade Escola São Francisco de Assis, fica localizada no sítio Serrote do Melo, município de Currais Novos a cerca de 15 quilômetros do centro da cidade. A escola fica a cerca de 03 quilômetros da comunidade Quilombolas Negros do Riacho e tem como principal público os moradores da comunidade quilombola.

Essa Unidade faz parte do centro de Ensino Rural “Professora Rosângela da Silva”<sup>3</sup>, fundado em 07 de agosto de 1992 e que tem a sua sede na Secretaria Municipal de Saúde que dirige atualmente 09 unidades de Ensino e 01 Centro de Educação Infantil.

Figura4 - Sede da Escola nos dias atuais



Na figura  
panorama da  
quilombola.

Fonte: AO autor  
(2017).  
4 temos um  
frente da escola  
Seu corpo

técnico é formado por 04 professores, sendo dois por turno onde 03 (três) são pedagogos e especialistas em História e Cultura Africana, Afrobrasilidade, Africanidade e 01 formado em letras; 02 merendeiras e 04 monitores do programa mais educação. Desses professores, uma professora está à frente da Creche “Centro Infantil Sementes da Liberdade”.

### **2.1. O Centro Infantil Sementes da Liberdade**

Após 1983, época em que de forma emergencial, segundo relatos da professora Teté funcionou anexo à escola uma creche em tempo integral, somente no ano de 2007 deu-se então a criação do “Centro Infantil Sementes da Liberdade” que primeiramente funcionou na própria Comunidade quilombola.

A Creche foi criada através do Decreto nº 3.559 de 05 de dezembro de 2007 e atualmente funciona de modo multiseriado com nível III, IV, V e possui atualmente 14

<sup>3</sup> Professora do Centro de Ensino Rural falecida em 1994.

alunos. Os alunos são assistidos por uma professora. No início a Creche funcionava na sede do centro Social da Comunidade Negros do Riacho, porém segundo a professora Adriana:

Havia muitas intervenções por parte das mães dos alunos. Por ser um salão único elas ficavam nas janelas e atrapalhavam as aulas, pois quando uma criança entrava em atrito com outra e a mãe de um estava presente gritavam: “não mexa com meu filho”, desta forma se fez necessário estar em um local que tivesse mais liberdade para a atuação do professor.

Assim, conforme relatos da professora Adriana Alexandrina de Oliveira Alcântara, a creche que deveria funcionar na comunidade quilombola, pelas condições sociais e das instalações impróprias passa a funcionar em uma das salas da Unidade Francisco de Assis no turno da manhã, sendo os alunos distribuídos da entre os níveis III, IV e V da educação infantil.

Até 2016, a creche dividia espaço com a sala do 5º ano, e neste ano de 2017 passou a funcionar na sala que havia sido construída para o programa “Mais educação” que não está sendo contemplado no sistema de ensino rural neste ano de 2017.

A sala é pequena e não possui janelas o que não permite a circulação do vento, porém não possui nenhum forro de proteção no seu teto.

### **3. A Escolarização e a transformação**

Neste capítulo procura-se através de alguns anos mencionar dados da memória presente da escola da qual se liga com a memória do passado, quanto as datas Halbwachs (1990) ao discorrer acerca da memória autobiografia e memória histórica menciona que por certo, se a memória coletiva não tivesse outra matéria senão series de datas ou listas de fatos históricos, ela não desempenharia senão um papel bem secundário na fixação e nossas lembranças.

A Unidade Escola São Francisco de Assis, de 1997 até o momento, tem recebido algumas melhorias. Em 1997, é construída a segunda sala de aula e em anexo um compartimento que abriga a central telefônica do orelhão da comunidade. No ano de 2012 a professora Yelina Ranulfo assume a direção do Centro de Ensino Rural e leva melhorias à escola onde no ano de 2013 mandou construir o forro da sala de aula mais antiga e que abriga de forma multiseriada o primeiro e segundo ano.

No ano de 2014, chega à escola o programa do Governo Federal “Mais Educação” e para abrigá-lo é construída uma nova sala com aumento de três metros no corredor e a construção de dois novos banheiros. O antigo banheiro coletivo passa a abrigar a dispensa da escola, pois antes os materiais de comida e limpeza ficavam nos corredores.

A escola possui em uma das salas de aulas um sistema de computação do PROINFO Rural com acesso à internet, via satélite, do mesmo programa; porém funciona de forma precária por não ter sala específica para funcionamento.

Desde meados do ano de 2016, a professora Ana Aires do Centro de Ensino Superior do Seridó CERES-UFRN, Campus Caicó, faz intervenções na comunidade, juntamente com alguns professores e alunos da graduação de pedagogia orientados pela professora.

Quanto ao avanço no ensino, hoje 34 alunos frequentam do 6º ao 9º ano na Escola Municipal Professora Humberto Gama; 01 aluno o ensino fundamental II na Escola professor Salustiano Medeiros; 01 aluno frequenta a 2ª série do ensino médio no Instituto Vivaldo Pereira e 02 alunos frequentam o ensino médio no Centro Supletivo professora Creuza Bezerra, todos no turno vespertino na cidade de Currais Novos, são levados de ônibus pelo motorista Antenor como já mencionado anteriormente.

Quanto a frequência escolar a professora Roseane Idalina da Silva Rangel<sup>4</sup>, em sua entrevista gravada em 07/11/2017, menciona que:

Eles costumam estudar na mesma escola, começaram em outras, mas vieram todos para cá. No início ficavam isolados, não gostavam de ser fotografados. Hoje principalmente as meninas já gostam de ser fotografadas. Eles não gostavam de seguir as regras da escola, mas após várias conversas hoje são bem mais conscientes.

...Procuramos seguir as diretrizes Curriculares para os povos Quilombolas e respeitar o tempo deles. Sempre após a pausa querem ir embora, mas os retornamos à sala de aula.

...para entrega de boletins vamos à comunidade e para os maiores de idade entregamos diretamente a eles... alguns estão em idade de EJA, mas são melhores adaptados à escola por isto estão aqui.

Na fala da professora Roseane observa-se que o contexto de não pertencimento dos povos quilombolas a sociedade ainda é plenamente visível. Porém a escola Professor Humberto Gama busca adaptar o seu currículos as diretrizes curriculares para os povos quilombolas respeitando as suas tradições e o seu tempo. A integração com a comunidade *in loco*, também se apresenta como uma importante ferramenta de respeito a diversidade sociocultural que os alunos da comunidade apresentam e uma forma de maior integração dos Negros do Riacho a escola formal.

#### **4. Considerações finais**

Apresentam-se neste trabalho a memória e história da escola na comunidade Negros do Riacho de Currais Novos; porém, nas idas e vindas, voltas e revoltas, reflexões e

---

<sup>4</sup> Atual Diretora da Escola Municipal professor Humberto Gama

apontamentos, concorda-se com o posfácio do autor Luiz Assunção (2009), que menciona que apesar da intervenção da igreja Católica, acrescento as igrejas evangélicas e ações dos Governo Federal, Estadual e Municipal, ainda há um retrato de miserabilidade na comunidade que requer uma maior atenção por parte dos órgãos governamentais. Há de se respeitar mais ainda a sua cultura de dar uma atenção maior a sua escola, e a comunidade.

A comunidade Negros do Riacho é tomada como uma espécie de modelo, que pode ser apresentada para o grande público como exemplo das diferentes situações colocadas na pauta jornalística. (ASSUNÇÃO, 2009, p. 128).

Muitos vão àquela comunidade em busca de estudar os povos quilombolas, onde várias Instituições de Ensino Superior-IES a utilizam como campo de pesquisa e dessa forma faz-se necessário que a comunidade se empodere deste material que valoriza a sua história e memória e o utilize para uma maior conquista dos seus direitos. Porém esses direitos são poucos efetivados, na memória da escola constata-se que ela é uma ferramenta importante para o desenvolvimento da comunidade Negros do Riacho, mas que, porém, é pouco explorada por eles. Será que em um pensamento halbawachsiano eles se prenderam a um determinado tempo e não conseguem avançar na sua memória coletiva e histórica?

Talvez conforme Assunção haja uma acomodação coletiva:

(...) as ações assumidas pelas lideranças e moradores do Riacho serão aquelas indicadas pelos agentes do estado, que inclui a mobilização mais de ordem estrutural, como o caso da terra, problemática central que continua intocada. (ASSUNÇÃO, 2009, p. 129)

Dessa forma, além da memória da Escola na Comunidade Negros do Riacho de Currais Novos, faz-se necessário um novo estudo de suas memórias culturais, dos seus saberes, da religiosidade e de suas origens sociais e talvez assim se entenda a lentidão com que o tempo se escoia na memória da comunidade onde conforme Halbawachs (1990, p. 119), (...) há povos retardatários, cuja evolução se efetuou muito lentamente fazendo o autor um comparativo entre países, cidades e pequenas povoações ressaltando que esses grupos não têm a mesma natureza.

Nas reflexões que merecem ser pontuadas ao final deste artigo de memória destaca-se também a necessidade de uma maior organização da escola quanto a sua parte física, social e cultural.

Segundo Alto (2012, citando BRASIL, 2001, p. 25):

A educação do Campo atenta ao desenvolvimento de propostas pedagógicas que valorizem e organizem o ensino, que respeitem a diversidade cultural e os processos de intervenção e transformação do campo...(p. 43).

A autora com base em sua citação chama a atenção para que professores levem ao meio rural informações científicas que não estejam atrelados a valores urbanos, excluindo-se os valores do campo e desta forma possa oferecer a todos a mesma oportunidade, para que efetivamente se possa preservar a memória de uma comunidade rural. Observa-se claramente que os docentes da escola buscam cumprir com estes objetivos, porém a organização do estabelecimento de ensino, é uma realidade de que as escolas rurais do Brasil pouco proporcionam essa valorização.

Para valorizar a memória da escola São Francisco de Assis, faz-se necessário também uma retomada da história do povo afro-brasileiro que sequestrado de seus países, de origem segundo Ribeiro (1995, p. 113) e Alto (2012, p.59), dos povos Bantos e Sudaneses da África, ao chegar ao nosso país tinham pouco ou nenhum direito de acesso à educação.

Ribeiro (1995) também menciona que os povos africanos ao chegarem no Brasil eram separados de forma a não poderem se comunicar um com o outro e havia uma mistura de linguagem; porém, como forma de conquista social aos poucos foram aprendendo a língua Portuguesa e a ela acrescentando o seu dialeto. Dessa forma como já mencionado, há de se valorizar também a sua religiosidade e o seu sincretismo religioso, objeto de novas memórias a serem pinceladas em novo artigo.

Há ainda de se reconhecer a dívida social e cultural do país com as comunidades quilombolas, que aos poucos foram se formando quer seja pela conquista dos negros a um pedaço de terra ou pela formação de escravos fugitivos das fazendas brasileira. Há de se cortarem as cordas que lhes uniam pelo pescoço, e os grilhões que os impediam de caminhar para outros rumos.

Na memória dos Negros do Riacho quanto a sua escolarização, vê-se que se necessita de uma maior atenção quanto ao seu sistema educacional e que o povo do Quilombo Negros do Riacho precisa ser entendido na sua formação social, econômica e cultural ao longo de todos esses anos, desde a sua formação como povoação, para que de acordo com os diversos documentos que regulamentam o sistema de ensino da história afro-brasileira e as Diretrizes que regulamentam a educação para essas comunidades possam ser realmente efetivadas em cada quilombo.

Assim observa-se claramente a necessidade da construção de um ambiente escolar no seio da comunidade e que também valorizem os saberes do campo e os saberes dos moradores da comunidade e que novos trabalhos possam pesquisar e identificar melhor as diversas

práticas educacionais existentes na comunidade e que não estão presente na escolarização formal.

## REFERÊNCIAS

Alto, R. (2012). *SABERES E FAZERES QUILOMBOLAS: diálogos com a Educação do Campo* (Mestrado). Universidade de Uberaba.

Assunção, L. (2009). *Os negros do Riacho – estratégias de sobrevivência e identidade social*. (3rd ed.). EDUFRN, Natal/RN.

Halbwachs, M. (1990). *La memoirecollective*(A Memória Coletiva). Tradução de Laurent Léon Schaffeter. Ed. Vértice, São Paulo/SP.

Le Goff, J. (1990). *História e Memória* (2nd ed.). UNICAMP, Campinas/SP.

Nora, P. (1993). *Entre Memória e História*. Tradução Yara AunKhoury. *Projeto História*, 10(1): 7-28. Retrieved from <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101/8763>

Pereira, A.S.; Shitsuka, D.M.; Parreira, F.J. & Shitsuka, R. (2018). *Metodologia da pesquisa científica*. Editora UAB/NTE/UFSM, Santa Maria/RS. Disponível em: [http://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15824/Lic\\_Computacao\\_Metodologia-Pesquisa-Cientifica.pdf?sequence=1](http://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15824/Lic_Computacao_Metodologia-Pesquisa-Cientifica.pdf?sequence=1)

Ribeiro, D. (1995). *O POVO BRASILEIRO. A formação e o sentido do Brasil*. (2nd ed.). Companhia das Letras, São Paulo/SP.

Silva, M.& Souza, L. (2016). *Educação e Desenvolvimento: Comunidade Quilombola “Negros Do Riacho”* (Especialização em Educação, Pobreza e Desigualdade). Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Souza, A. (2015). *A COMUNIDADE QUILOMBOLA NEGROS DO RIACHO: Vivências e condições socioeconômicas e culturais* (Graduação). UVA.

Vieira, F. (2015). *Andanças entre currais, dádivas e políticas públicas: o Programa Brasil Quilombola na comunidade Negros do Riacho em Currais Novos-RN* (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

**Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito**

Adaildo Benedito dos Santos – 100%